

ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO EM EJAI: EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Juliana Alves da Silva ¹
Lauane Xavier de Lira ²
Carmi Santos Ferraz ³

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência das atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado Obrigatório na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), realizado em escolas públicas da rede municipal de Recife - PE. Esse componente curricular faz parte do curso de Licenciatura de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, e tem como objetivo aproximar as (os) discentes da experiência profissional de atuação em salas de aula. Em estudos desenvolvidos, analisamos que a EJAI sofre uma precarização dentro das redes de ensino, perceptível na baixa oferta de matrículas nas escolas, que diminui com o passar dos anos e, soma-se a isso, a baixa formação específica para esta modalidade realizada nos cursos de licenciatura. Tais elementos nos levaram a observar, durante o estágio, as necessidades desse público tão heterogêneo e as potencialidades que podem ser atingidas com a nossa atuação. Realizamos oito visitas à cada escola, sendo cinco de observações e três vivências de regência. Durante as visitas foram observados os aspectos estruturais, o quadro profissional, os materiais disponíveis, a inserção do(a)s estudantes no ambiente educacional, o contexto social em que vivem, a metodologia e o conteúdo das aulas. Dessa forma, foi possível elaborar atividades que estimulassem a participação da turma, alinhadas às necessidades de aprendizagem que apresentavam. Foram utilizados como recursos para as aulas músicas, vídeos, e jogos, nos quais obteve-se engajamentos das (os) alunas (os). Por serem turmas que estão consolidando o processo de alfabetização, a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética teve destaque e foi avaliado que os objetivos de aprendizagem propostos para cada aula foram contemplados. Reforçamos, então, a necessidade de defendermos a existência da EJAI para a garantia dos direitos daquelas (es) que não tiveram acesso à educação em idade convencional e, também, de considerarmos suas especificidades no planejamento pedagógico.

Palavras-chave: Educação de Jovens, Adultos e Idosos, Estágio Supervisionado Obrigatório, Pedagogia.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Bolsista do PET Conexões de Saberes: Práticas de Letramento da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, julianaadasilva90@gmail.com

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, lauane.xavier@ufrpe.br

³ Orientadora: Professora Doutora do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, carmi.ferraz@ufrpe.br.

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado obrigatório (ESO), enquanto um componente curricular, não se resume na realização de observações e aplicação de atividades em escolas. Ele tem como objetivo principal aproximar as(os) discentes da experiência prática do ambiente profissional, possibilitando reflexões sobre a prática com o aporte teórico discutido durante a formação dentro do espaço acadêmico. Mais do que reflexões, Pimenta e Lima (2006) apontam que o estágio proporciona às(aos) discentes a construção de sua identidade docente, promovendo perspectivas de análise crítica para os contextos em que estão inseridas(os), embasadas em fundamentos teórico-metodológicos e considerando as especificidades de cada escola e turma de atuação.

Além disso, a realização do ESO dentro da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) precisa considerar também o contexto particular vivenciado por essa modalidade de ensino em nosso país. A educação para pessoas adultas que não se encontram dentro da faixa etária regular de ensino é um direito de todas as pessoas, conforme previsto na Constituição Federal vigente. Ainda assim, não é raro identificar relatos que denunciam a falta de oferta de turmas regulares nas redes de ensino, principalmente dos primeiros anos de escolarização (Gerbelli e Ventura, 2023).

Os sujeitos que acessam a EJAI são vítimas da negação histórica de direitos que ultrapassam os educacionais, pois, são excluídos socialmente, possuem insegurança de moradia, alimentação, trabalho e, por muitas vezes, precisam se inserir precocemente no mercado de trabalho. Essas marcas de exclusão trazem prejuízos de ordem cognitiva, cultural, linguística e social que imprimem em sua vida cotidiana diversas dificuldades, inclusive de autoestima, que inibe sua possibilidade de criar melhores condições de vida (Cavalcante, 2017).

Durante a realização do ESO na modalidade da EJAI, refletimos criticamente sobre os aspectos investigados nas observações, bem como tivemos experiências práticas no planejamento e execução de atividades que consideram todas as especificidades desse público. Mais do que sujeitos que carregam marcas de exclusão, os(as) estudantes que acessam a educação escolar por meio da EJAI são cidadãos(ãs) que apresentam uma rica história de vida. Dessa forma, o nosso papel enquanto professoras não pode desvalorizar essa trajetória, pelo contrário, devemos utilizá-las como ferramenta que irá potencializar sua aprendizagem.

A seguir apresentamos a metodologia utilizada para a realização das atividades, situando o tempo utilizado para a realização do ESO, o período em que as observações e vivências ocorreram, bem como os objetivos pretendidos. Nos Resultados e Discussões dialogamos detalhadamente sobre os campos que foram investigados, por meio das características de cada escola e turma. Discorremos sobre a experiência das vivências, seu planejamento e como contribuíram para o fortalecimento da nossa prática docente.

METODOLOGIA

O presente trabalho é do tipo relato de experiência de duas discentes e resulta de uma atividade realizada no componente curricular de Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) em Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), cursado no 8º período do curso de graduação de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Campus Sede/Dois Irmãos. Dessa maneira, a referente pesquisa é de cunho qualitativo e foi construída a partir dos textos lidos e discutidos no referido componente curricular, além de outros textos que integram a temática abordada.

Durante o andamento do componente curricular em questão, tivemos aulas presenciais na universidade para a realização de leitura e discussão de textos, observação da prática pedagógica da professora da EJAI e a realização de vivências nas escolas - campo. Para a execução do referido estudo, foram realizadas um total de 8 (oito) visitas, entre os meses de abril e julho de 2024, sendo 5 (cinco) para a observação do espaço físico, bem como dos materiais didáticos e do trabalho pedagógico, e 3 (três), para as vivências, realizando a aplicação de atividades de acordo com a sequência didática produzida pelas discentes, através da orientação da professora do referido componente curricular.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As escolas municipais escolhidas estão localizadas na zona oeste da cidade de Recife - PE. No que se refere às turmas, o trabalho foi desenvolvido em uma turma Modulada I e II, e outra turma no Módulo II.

Iniciamos realizando o conhecimento das escolas no sentido de construirmos uma breve diagnose da escola e da turma no qual fomos recebidas. Todas as pessoas nos receberam de forma carinhosa e atenciosa, o que nos deixou bastante felizes para a produção do trabalho. Desde o primeiro contato, foi pontuado por nós que estávamos ali não só para observá-los, mas para ajudá-los. O que foi um ponto positivo, pois, já nesse

começo, sentiram-se à vontade, mesmo tendo alguém de fora da turma. De início já percebemos a boa relação entre professora e estudantes, e também entre eles mesmos.

Com o decorrer das observações ficou em evidência a dinâmica do turno noturno. As professoras geralmente chegam entre 18h00 e 18h30, mas as aulas só começam de fato, após o momento de jantar dos(as) estudantes, em razão disso a chegada deles(as) na sala geralmente ocorria entre 19h10 e 19h20. Alguns estudantes não comem na escola, mas chegam só às 19h, já outros chegam mais cedo e ficam conversando na sala. Então, é o tempo também que todas as pessoas se acomodam. Geralmente, por muitos serem amigos e morarem próximo às escolas, avisam a professora, “fulano tá chegando”, “cicrano não vem hoje”. Dessa forma, o horário noturno que já é reduzido, fica ainda mais. Nesse sentido, percebemos que as professoras tentam aproveitar o máximo do tempo com as atividades, já que quando chega próximo das 21h a maioria começa a arrumar para ir embora.

No que se refere à estrutura física das escolas, não encontramos muitas diferenças entre elas. As turmas da EJAII acontecem em salas que durante o período diurno funcionam turmas dos Anos Iniciais. Nesse sentido, o ponto que merece destaque é a decoração, que no caso de uma das escolas são colocadas as atividades da EJAII nas paredes para a visualização, enquanto na outra, somente as das crianças são expostas.

No que tange ao quantitativo de estudantes, as turmas são bem diferentes. Enquanto que na Modulada I e II, temos 45 matriculadas(os); na Módulo II tem 13 estudantes matriculadas(os). Em relação à frequência, a primeira turma teve em média entre 20 a 22 estudantes, contudo na primeira observação obteve-se um maior quantitativo, com 26 estudantes presentes. Enquanto na segunda escola, esse dado foi mais variante. Precisamos ressaltar que nos dias em que chove, ambas as escolas apresentam grande quantitativo de faltas e dificuldades para manter as aulas, como no caso de uma delas que precisou cancelar um dia de atividade em virtude de quedas de energia.

Ainda durante as observações das práticas pedagógicas, conseguimos construir um certo vínculo com as professoras e com as turmas, o que pôde proporcionar algumas conversas nas quais pudemos entender um pouco sobre as escolhas pedagógicas realizadas por elas. Diante disso, destacamos que não é possível compreender suas práticas pedagógicas em sua totalidade apenas pelos recortes observados. Em relação aos estudantes, pudemos perceber que, apesar de não termos tido a oportunidade de

investigar aprofundadamente os motivos pelos quais não puderam realizar seus estudos em idade regular, as conversas informais que foram observadas nos deram pistas que dialogam com o que Cavalcante (2017) e Arroyo (2007) apontam sobre o contexto que muitas vezes é compartilhado entre esses sujeitos:

Por sinal, a negação de direitos é histórica em nosso país. Desde a chegada dos portugueses ao Brasil, temos “presenciado” a exploração e a discriminação social de determinados grupos (indígenas, negros, população rural, mulheres, pobres) e são estes que estão nas salas de aula da EJA. Logo, as trajetórias dos alunos da EJA não são individuais, pois estes fazem parte dos mesmos coletivos sociais, raciais, étnicos, culturais (Cavalcante, 2017, p. 37).

As turmas em sua maioria eram de pessoas mais velhas, acima de 40 anos de idade, muitos deles aposentados, e outros, trabalhadores informais, como empregada doméstica e comerciante. Em relação aos estudantes mais jovens, duas delas levavam suas filhas para a sala de aula. As crianças sempre estavam com caderno e lápis de cor, além de livros de literatura infantil. Ficavam o tempo todo sentadas e em alguns momentos brincavam juntas, quando as duas iam no mesmo dia, ou brincavam sozinhas.

No que se refere à inclusão e acessibilidade, as duas turmas possuem estudantes com necessidades específicas. Na Modulada I e II, têm uma estudante com deficiência auditiva que utiliza aparelho auditivo. Percebemos que nas poucas vezes que frequentou as aulas era auxiliada pelas pessoas que estavam sentadas próximas a ela. Já na Módulo II, existem dois estudantes com deficiência física, que não frequentavam as aulas de maneira presencialmente por causa da dificuldade de locomoção e aguardavam a devolutiva da Prefeitura em relação ao transporte escolar adaptado, e, por isso, recebiam da professora vídeos e atividades de maneira remota.

Em relação às atividades e dificuldades enfrentadas pelas(os) alunas (os) notamos que nos dois casos eram trabalhadas, sobretudo, atividades de Língua Portuguesa para aquisição do domínio do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e Matemática. As aulas ocorrem tanto em sala, como na biblioteca da escola. Nas duas turmas pudemos perceber que as(os) estudantes estão em níveis diferentes do SEA. O mesmo acontece quando se trata do desempenho em conteúdos relacionados à Matemática. Percebemos que na turma do Módulo II também foram propostas atividades de História e Geografia durante o período observado.

Mais do que observar, uma etapa fundamental para o estágio supervisionado obrigatório é a realização de intervenções pedagógicas, nas quais assumimos a regência das aulas, elaborando seu planejamento, atividades e métodos de avaliação. Para a

elaboração de nossa sequência didática e aplicação durante as Vivências, a primeira ação realizada foi contatar as professoras das turmas em questão, para sabermos os conteúdos previstos para serem trabalhados no bimestre e as sugestões que teriam a fazer.

Nos dois casos, as professoras sugeriram que trabalhássemos algum tema daquele bimestre, mas indicaram que as atividades seriam de nossa livre escolha. Elaboramos o planejamento da sequência didática, e, após isso, realizamos o envio para a professora orientadora do ESO em EJAI, para correção, sugestões e acompanhamento de nossas atuações. Após esse momento, realizamos o envio para as professoras de cada turma para que sinalizassem possíveis modificações. Posteriormente, agendamos as datas das vivências de acordo com a disponibilidade das professoras, para que pudessem nos receber de maneira a não atrapalhar os seus planejamentos.

As temáticas escolhidas e aplicadas foram as seguintes: Rio Capibaribe na Cidade do Recife e o Ecossistema Manguezal. Ambas se articulavam com o contexto sociocultural vivenciado pelas turmas, em razão da presença de mangues e do Rio Capibaribe nos territórios de inserção das escolas.

Vivências: Rio Capibaribe na Cidade do Recife

Na primeira vivência, a aula seguiu o planejamento realizado, mas foram necessárias algumas adaptações. Iniciei com a música "Rio Capibaribe", de João do Cavaquinho, utilizando um clipe do *YouTube* na televisão da sala. Tive dificuldades com o controle remoto, e a ajuda de uma estudante foi essencial para conseguir reproduzir o vídeo. Após a música, disponibilizei a letra impressa para a leitura, explorando palavras e expressões, e anotei no quadro os municípios mencionados na letra. Perguntei aos estudantes se conheciam ou haviam visitado alguns desses municípios.

No segundo momento, estava planejado que os estudantes localizassem no mapa de Pernambuco as cidades mencionadas na música, mas como não o levei, expliquei que esses municípios são pertencentes à região. Discutimos o comércio de Toritama e a poluição proveniente da indústria têxtil, além da monocultura canavieira. Práticas comuns no interior do Estado. Embora não tenhamos conseguido nos aprofundar, a conversa foi proveitosa.

No terceiro momento, realizei uma diagnose sobre o que os estudantes sabiam sobre o rio, que popularmente é chamado de “maré”, e suas relações com ele, formando uma nuvem de palavras no quadro. Reforcei a importância do rio para as pessoas e para

a natureza. No quarto momento, fiz um ditado com palavras da música, a pedido da professora, com o objetivo de treinar o repertório de palavras. As palavras escolhidas foram: Sulanca, Gente, Jornada, Sertão, Barragem, Jucazinho, Toritama, Carpina, Recife e Mar. Ao final, fiz a correção coletiva no quadro.

Um erro cometido foi começar a aula escrevendo em letra cursiva e, após alguns pedidos, apagar e usar letra bastão, o que gerou reclamações de algumas estudantes que já haviam copiado a atividade no caderno. Pedi desculpas e finalizei a aula utilizando as letras tipo bastão, sentindo-me desconfortável, mas reconhecendo que foi um aprendizado. Já que é com as experiências que nos desenvolvemos, e esse processo envolve erros e acertos. Para encerrar, reli o texto e pedi que as (os) estudantes circulassem as palavras do ditado, passando de banca em banca para auxiliá-las(os). No final, a professora elogiou meu desempenho no primeiro dia e sugeriu o documentário "O Recife de dentro para fora", que assisti em casa e resolvi utilizá-lo, como sugerido.

Na segunda vivência, a aula ocorreu compartilhando o horário com a professora da biblioteca. Iniciamos com a poesia "Vou-me embora pro passado", de Jessier Quirino, que serviu como base para a construção de uma literatura cordel a ser apresentada na festa de São João da escola. Apesar das dificuldades, a professora explicou a estrutura da literatura de cordel e a temática "O importante é estudar", levando as(os) alunas (os) a elaborarem o texto coletivamente. A aula foi agitada, com a gestora informando sobre um curso de flores artificiais, que acabou resultando na ausência de cinco estudantes. O cordel finalizado ficou com uma estrofe, mas as (os) estudantes ficaram felizes por terem produzido algo que seria apresentado na confraternização junina da escola.

No segundo horário, foi feito um resgate sobre o que as (os) sabiam e sentiam em relação ao rio Capibaribe, fui anotando as palavras e frases ditas no quadro. Concentrei a discussão na última cidade por onde o rio passa antes de desaguar no mar, com enfoque nos bairros banhados por ele, especialmente o da Iputinga, onde a maioria das (os) estudantes residem e onde a escola está localizada. Abordei a mudança nas construções das casas, que antigamente ficavam de frente para o rio, e que em um dado momento da história, ocorreu o movimento de "virar de costas" para ele, discutindo com a turma a expansão urbana da cidade do Recife e a criação do Parque das Graças, localizado no bairro de mesmo nome, que, apesar de oferecer diferentes opções de lazer para a população, está situado em um bairro da Zona Norte, que tem a forte presença de especulação imobiliária.

Seguindo a aula, fiz uma reflexão sobre como o rio era antes e como é agora, questionando as relações entre passado e presente. As (os) alunas (os) compartilharam diversas situações, como a prática da pesca, plantações em uma ilha, poluição, assoreamento e a ocorrência cheias, enquanto isso, anotava suas observações no quadro. Para encerrar, falei sobre a origem Tupi do nome do rio e mencionei que, anteriormente, existia uma lagoa no bairro que foi aterrada devido à urbanização e expansão do local, reforçando a importância de refletir sobre as mudanças no ambiente ao longo do tempo.

Na terceira vivência, realizei uma atividade de separação silábica, conforme sugerido pela professora. Foram utilizadas palavras da música trabalhada anteriormente, corrigindo coletivamente no quadro e explicando a separação das sílabas. No entanto, após a aula, a professora pontuou que também poderia ter abordado as categorias de palavras (monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas). Uma boa observação por parte dela, já que a maioria da turma apresentou certa dificuldade nesse sentido.

Para retomar as relações com o rio, foi exibido o documentário "Recife de dentro para fora", que gerou comentários de espanto entre as (os) alunas (os) ao verem a sujeira e a vida aquática deteriorada do Capibaribe. As imagens mostraram as pontes, vegetação e comunidades que dependem do rio, revelando a continuidade do descaso ao longo dos anos. Essa experiência trouxe uma nova perspectiva aos estudantes sobre o ambiente em que vivem e a importância de discutir questões ambientais.

A aula foi finalizada com uma proposta de produção coletiva: criar um cartaz sobre a importância do Rio Capibaribe. Inicialmente, alguns estudantes hesitaram em participar devido à vergonha de escrever, mas com o incentivo da professora, conseguimos formar um grupo que colaborou para a atividade. O cartaz foi finalizado e exposto, e ao final da aula, as (os) alunas(os) expressaram seu desejo de que eu retornasse. Embora tenha sido convidada para a festa de São João, não pude comparecer devido a um imprevisto familiar. Fiquei feliz ao receber notícias e fotos da festa, onde o cordel apresentado foi um sucesso, e as interações posteriores com as (os) alunas(os) na comunidade reafirmaram a conexão que estabelecemos durante o estágio.

Vivências: Ecossistema Manguezal

Na primeira vivência sobre o Manguezal, a turma foi questionada sobre o conhecimento prévio desse ecossistema, e as respostas foram usadas para uma exposição dialogada com imagens e vídeos sobre as características do ecossistema. Após a reflexão sobre as respostas iniciais, a participação das (os) alunos foi avaliada. A

aula terminou antes do previsto, o que gerou incerteza sobre como ocupar o tempo restante. A professora sugeriu realizar um ditado com palavras-chave do tema, trabalhando aspectos do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), como reconhecimento de letras, segmentação em sílabas, e a relação entre grafemas e fonemas. A atividade, já conhecida pela turma, ajudou a consolidar o aprendizado sobre o mangue e a desenvolver a escrita, com correção coletiva das palavras.

No segundo dia de intervenção, a turma discutiu, com imagens e vídeos, os impactos da poluição e do desmatamento nos manguezais, enfatizando a necessidade de preservação e atividades de reutilização de resíduos. Após o debate, foi realizado um bingo com as palavras do ditado anterior, acrescido de novas palavras relacionadas ao tema do dia. A partir dessa vivência, o planejamento foi adaptado devido ao grande interesse da turma sobre o destino do lixo, gerado pela discussão sobre a poluição no mangue. Foram apresentados métodos de tratamento sanitário, e um estudante buscou informações adicionais com seu irmão, gari em São Paulo, o que estimulou comparações entre aula e realidade.

Esse momento refletiu a importância de uma educação significativa, como defendido por Paulo Freire. Essa mudança no planejamento, embora inesperada, mostrou-se necessária para garantir que todas as atividades fossem realizadas de maneira cuidadosa e que os(as) alunos(as) tivessem tempo suficiente para se envolver e aprender com cada uma delas.

No terceiro e último dia de vivência, a sequência de estudos sobre o mangue foi concluída com foco na cultura associada a ele. Iniciei a aula com a música "*Manguetown*" de Chico Science, discutindo trechos da letra e a importância do movimento *Mangue Beat*, identificando seus precursores. Analisamos músicas de Chico Science, Nação Zumbi, BaianaSystem, *Mangroov* e Academia de Berlinda, destacando suas contribuições artísticas. Dividi a turma em duplas para analisar a letra de "Lucro: descomprimindo", apresentando a estrutura do gênero textual. As (os) alunas (os) identificaram temas como construções imobiliárias, poluição e trabalho desigual nas regiões litorâneas. Depois, realizamos um jogo da memória para relacionar figuras de manguezais às palavras correspondentes, optando por uma abordagem colaborativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter realizado o estágio supervisionado obrigatório na Educação de Jovens, Adultos e Idosos foi essencial para nossa formação. Com ele foi possível conhecer de

perto um pouco da rotina e das potencialidades e fragilidades de uma turma. Ficamos felizes em observar a dedicação e a sede de conhecimento que eles(as) demonstram. É evidente o quanto desejam aprender, abordando o processo educativo com seriedade, mas também com leveza e entusiasmo.

As estratégias metodológicas foram adaptadas para promover um maior engajamento, respeitando as individualidades de cada estudante e facilitando a compreensão dos conteúdos. Utilizando uma abordagem diversificada que incorpora recursos visuais, leitura de textos, jogos, atividades práticas e discussão em grupo, criamos um ambiente de aprendizagem colaborativa. Essa abordagem não apenas melhorou a compreensão dos conteúdos, mas também contribuiu para o desenvolvimento de competências socioemocionais, fundamentais para a formação integral das(os) alunas(os).

Esta experiência foi uma oportunidade única para refletirmos sobre o papel da educação e as profundas relações de desigualdade e exclusão que afetam o público da EJA. O ESO nos proporcionou uma visão mais crítica e sensível sobre as especificidades e os desafios enfrentados por esses(as) alunos(as), reafirmando a importância de uma educação inclusiva e transformadora.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? **REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 0, p. 1-108, ago. 2007.

CAVALCANTE, M. J. G. **Práticas de leitura na educação de jovens e adultos: da vida para a escola e da escola para a vida**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Educação, 2017.

GERBELLI, C. V. C.; VENTURA, J. A EJA fora do lugar. **Le Monde Diplomatique Brasil**, online, 20 dez. 2023. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/eja-educacao-jovens-adultos/>. Acesso em: 12 out. 2024.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis Pedagógica**, v.3, n. 3-4, p. 5-24, 2006.